

O que se sabe e o que se procura sobre o protestantismo em Portugal

Muito embora tenham sido desenvolvidos esforços variados no sentido de se conhecer melhor a história das minorias protestantes em Portugal, persistem lacunas importantes que urge colmatar. Com efeito, parece conhecer-se melhor o período em que essas minorias eram alvo sistemático de intensas acções persecutórias, do que as épocas mais recentes, em que foram criadas algumas aberturas e apareceram maiores espaços de tolerância, difundindo-se e espalhando-se pelo país práticas culturais e litúrgicas susceptíveis de preocuparem o edifício conservador que sustentava o catolicismo tradicional português.

Será isto um paradoxo? Talvez não. De facto, os estudos sobre o fenómeno religioso minoritário, abarcando o período anterior ao século XIX, revelam-nos a existência de pequenas franjas, tanto mais que era tremendamente difícil ser minoritário num país marcado por um sólido monolitismo católico. Fenómeno de bizarria, por excelência, a tendência minoritária foi de tal forma abafada e perseguida pelo poder inquisitorial católico, esmagadoramente majoritário, que só veio a ter alguma expressão no seio de comunidades estrangeiras estacionadas em Portugal, em regra pouco propensas ao proselitismo. Fora disso, apenas em meados do século XIX – e por iniciativa e impulso de estrangeiros (casos de Gomez y Togar, em Lisboa, ou de Kalley, na Madeira) – se manifesta em Portugal uma tendência minoritária capaz de assustar os instalados guardiões da fortíssima muralha defensiva católica.

O que se sabe

Se a característica fundamental de sobrevivência das minorias é a da agressividade propagandística, também não seria de esperar a parcimónia na linguagem das forças majoritárias, erigindo toda a casta de calúnias como arma privilegiada de combate contra os « invasores ». De resto, os séculos de hábitos inquisitoriais não se diluem nas mentalidades por obra e graça de qualquer decreto, mesmo que eivado do mais profundo sentido liberal.

Verdadeiros heróis numa luta desigual, eram então os colportores, propagandistas itinerantes que, de terra em terra, arrostando com perigos e

condições muitas vezes infra-humanas, levavam consigo Bíblias ou exemplares do Novo Testamento, que vendiam por aldeias, vilas e cidades, aproveitando o ensejo para passarem a mensagem da «salvação». Por vezes eram apenas homens de grande força de vontade, sem uma cultura sólida, capazes no entanto de inflamarem os seus discursos e provocarem a conversão de uns simultaneamente com o repúdio, ou mesmo a agressão, de outros. Eles foram os principais obreiros e responsáveis pela chegada da «novidade» religiosa a locais e a pessoas que apenas tinham conhecido, até então, a incompreensível missa em latim pronunciada pelo pároco da aldeia, ele próprio um desconhecedor da Bíblia. A «Palavra» assumia agora um novo conteúdo, não vinculado apenas pela tradição oral, mas bebido com prazer na leitura dos livros sagrados. Depois, promoviam reuniões para leituras em colectivo, num país que detinha uma importante taxa de analfabetismo e no qual ler a Bíblia constituía ainda um grave pecado.

Sujeitos à perseguição e mesmo ao cárcere, os colportores assumiram, corajosamente, o difícil papel dos pioneiros. Por isso, a história do *Réveil* novecentista terá de ser-lhes dedicada, se quisermos conhecer as origens e os fundamentos da implantação do protestantismo em Portugal.

No último quartel do século XIX e sobretudo nos primeiros quinze anos do presente século, encontramos alguns autores e obras capazes de fornecer-nos interessante material para o estudo dos primeiros passos do *Réveil* português, descontados os exageros apologéticos inevitáveis, sobretudo entre os autores que eram, eles próprios, crentes evangélicos, casos dos nacionais João Bonança (1870), Guilherme Dias (1877, 1878, 1885, 1888, 1889, 1893), Diogo Cassels (1894-95, 1906), José M. Barreto (1901), G. L. Santos Ferreira (1906), Joaquim dos Santos Figueiredo (1909, 1911a, 1911b, 1912), ou dos estrangeiros Joseph M. A. Oldknow (1855), Robert Reid Kalley (1875), Thomas J. Pulvertaft (1897), H. E. Noyes (1897), C. Kingwell (1899), etc.

Mesmo assim, grande parte dos textos contendo interessantes informes históricos eram publicados em jornais e colecções de opúsculos, como *A Reforma* (1877-1889), a *Egreja lusitana* (1892-1923), *O Evangelista* (1892-1901), entre muitos outros. Trata-se de uma historiografia de «combate» aos ataques da reacção católica, veiculada tanto pela prática quotidiana nos púlpitos, como pela acção jesuítica e de outras ordens religiosas, no terreno do ensino como no da beneficência. Um combate semelhante era ainda travado por autores não evangélicos mas declaradamente anticlericais, como Guilherme Braga (1871), Luciano Cordeiro (1872), José Caldas (1900), Trindade Coelho (1906), Sampaio Bruno (1907), Basílio Teles (1913).

O sector católico não estava, obviamente, desarmado. Homens como o Pe Sena Freitas e jornais como *A Palavra* constituíam exemplos da eficácia propagandística do ultramontanismo.

Para um estudo isento sobre o protestantismo desta época, não poderemos ignorar os contributos de todos estes sectores que, digladiando-se, fornecem – com maior ou menor subjectividade – os elementos essenciais para a compreensão de uma época de grande dinamismo na «transmissão do Evangelho» e no conseqüente crescimento de minorias religiosas, que vão entrar na República (1910) animadas pela esperança de dias melhores.

O século XX foi atravessado em Portugal por quase cinquenta anos de ditadura (1926-1974), no decurso da qual a Igreja católica retomou a força

que uma quinzena de anos republicanos lhe haviam, em parte, sonogado. E, a par da ditadura, a instauração da censura prévia coarctou as asas de alguma historiografia eventualmente interessada num conhecimento mais profundo das mutações operadas no tecido religioso português. Paralelamente, esse conhecimento exigiria uma comparticipação interdisciplinar, nomeadamente pelo recurso ao contributo da análise sociológica. Só que também este ramo do saber esteve durante décadas condicionado pelo *establishment*, conhecendo um verdadeiro *Réveil* apenas com o afloramento democrático saído da revolução de Abril de 1974.

As minorias religiosas deambularam ao sabor de persistentes batalhadores que lutaram durante quase cinquenta anos numa luta sem tréguas, mas fortemente desigual. Com efeito, pese embora a declaração formal de separação entre a Igreja e o Estado Novo, o certo é que cabia à Igreja católica um vasto conjunto de privilégios e até no ensino era obrigatória a inclusão da disciplina de religião e moral católica, salvo declaração expressa em sentido contrário pelos encarregados de educação. Embora a Constituição de 1933 consagre a liberdade de criação de estabelecimentos de ensino particulares e a independência de qualquer culto, a alteração produzida pela lei 1910 determina que o ensino obedeça « aos princípios da doutrina cristã tradicionais no país » (Nogueira 1977 : 203). Por outro lado, a proliferação de ordens religiosas permitia um amplo controlo sobre estabelecimentos de ensino e sobre obras de caridade e beneficência. O Estado, aparentemente isento, não se esquecia de convidar sistematicamente o clero católico para as suas cerimónias e a censura abatia-se implacável sobre obras que, mais ou menos veladamente, pusessem em causa os tradicionais valores da religião majoritária. As próprias publicações de carácter histórico eram submetidas ao crivo do « politicamente conveniente » e eram obrigadas a valorizar Deus, na perspectiva católica, a sublimar a Pátria, sob o ponto de vista fascizante de Salazar, e a enaltecer os valores como a obediência (aos chefes) e a família, encarada esta como « fonte de conservação e desenvolvimento da raça, base primária da educação, da disciplina e harmonia social [e] fundamento de toda a ordem política » (Constituição de 1933).

Os livros de histórias de Portugal são omissos quanto ao fenómeno minoritário protestante e mesmo uma obra tão marcante para a época como foi a *História de Portugal* de Oliveira Marques persiste em ignorar a existência de protestantes em Portugal. A historiografia católica, essa, podia desenvolver à vontade a contra-informação, como se pode constatar no claro exemplo da *História da Igreja em Portugal*, de Fortunato de Almeida (1967), obra em que as brevíssimas referências ao protestantismo estão deliberadamente « inquinadas » pela visão ultramontana.

Somente do lado protestante surgem, de quando em vez, obras válidas para o estudo do protestantismo. Mas, é óbvio, também elas estão imbuídas de tendências apologéticas, de resto compreensíveis como reacção natural a um regime que declaradamente protegia a maioria católica.

Com estas condições, percebe-se que seja pouco significativa a produção histórica e que ela esteja quase inteiramente reduzida a escritores protestantes como Eduardo Moreira (1913, 1933, 1935, 1949, 1957, 1958), sem dúvida o mais eloquente e frutífero produtor da investigação histórica protestante neste período, Eben-Ezer (1932), Daniel de Pina Cabral (1951), Michael P. Testa (1963, 1977) e Albert Aspey (1971), pastor britânico da Igreja

metodista do Porto e pioneiro dos estudos sobre os colportores que, no norte do país, desenvolveram um notável e aguerrido trabalho de propaganda evangélica.

Mesmo assim, porém, são obras de referência e consulta obrigatórias para quem quiser estudar as consequências do Despertar protestante em Portugal. Afora estas obras e os autores atrás referidos, impõe-se uma leitura atenta de algumas publicações periódicas evangélicas, verdadeiros bastiões de resistência ao monolitismo imperante, como foram, entre outros, os casos do *Portugal evangélico* (1920-1950), *d'O Semeador baptista* (1926-1986), do *Portugal novo* [1932?-1942?], *d'O Evangelista* (1948-1959), ou mesmo da *Ecclesia* (1949-1955).

De quando em quando lá aparecia um ou outro estudo, mas a maior parte era publicada fora do país. De qualquer maneira, nada de sistemático se encetou para um melhor conhecimento das minorias religiosas em Portugal.

A longa manutenção da guerra colonial (1961-1974), sensibilizando contra o regime algumas franjas significativas dos sectores católicos, não terá favorecido o proselitismo das Igrejas evangélicas e parece hoje confirmar-se um certo esvaziamento de quadros e praticantes no seio do movimento protestante, aliás alvo contínuo de marginalizações de vários matizes.

O que se procura

Após Abril de 1974, aqui ou ali, um ou outro investigador, sobretudo em áreas afins da sociologia, procurava desgarradamente conhecer um pouco melhor alguns itinerários deste terreno ainda verdadeiramente inóspito. São, porém, tentativas esporádicas e frustes, completamente desapoizadas e, porque desfasadas dos interesses então vigentes, logo remetidas para um inevitável silenciamento. Os primeiros anos da revolução, fortemente marcados por grandes enfrentamentos sociais e político-ideológicos, não eram propícios ao aprofundamento de um estudo que exige isenção, objectividade e espírito de equipa. As elites académicas tinham outras prioridades mais imediatas e é necessário esperar ainda pelos finais da década de 1980, quando os ânimos partidários começam a ceder perante o bom senso e se inicia a instalação de um clima de tolerância e convivência democrática, para começarmos a vislumbrar verdadeiros interessados na descoberta da realidade religiosa portuguesa.

Nesta altura vários estudos recentes já permitiam um conhecimento mais aprofundado do protestantismo em Portugal, com relevo para os de João Ramos André (1981), Gerard Ericson (1984), Manuel Pedro Cardoso (1985, 1989), António Manuel Silva (1989, 1995a, 1995b), François Guichard (1990, 1993a, 1993b, 1995), Jorge Ribeiro (1990), entre outros. E foi graças a estes estudos que se começou a conhecer um pouco melhor a importância e a dimensão do fenómeno minoritário protestante em Portugal.

É neste contexto que surge a primeira tentativa de sistematizar estudos sobre a problemática das minorias. Aconteceu na cooperação estabelecida no âmbito do CENPA (Centro de estudos Norte de Portugal-Aquitânia), congregando os esforços de investigadores das universidades de Bordéus e do Porto. A realização de mesas redondas e trocas de informação permitiu

suscitar a motivação e o interesse necessários e, em 1991, começava na faculdade de Letras da Universidade do Porto o primeiro mestrado em minorias religiosas.

Os primeiros resultados desses esforços de investigação começaram a surgir pelos fins de 1995 e traduziram-se na pesquisa de figuras, contextos e impactos provocados pelos pioneiros do protestantismo em Portugal. Muito mais que conhecimentos finais, os seus resultados permitiram sobretudo enunciar um amplo leque de preocupações e a socrática constatação do muito pouco que ainda se sabe sobre estas questões.

Concluíram já as suas dissertações de mestrado quatro licenciados. O primeiro, autor desta comunicação, desenvolveu uma investigação sobre a vida e a obra de um pioneiro do protestantismo em Portugal, Diogo Cassels, que inicia a sua actividade evangelizadora no norte do país, em Vila Nova de Gaia, e que viria a tornar-se uma referência incontornável como evangelizador e benemérito (Peixoto 1995). A validade deste estudo assenta essencialmente no conhecimento que proporciona sobre o espírito ecuménico deste pioneiro, um velho-católico que funda em Portugal, conjuntamente com o pastor britânico Moreton, a Igreja metodista, mas nunca chega a assumir-se como protestante e, paradoxalmente, funda a seguir aquela que viria a ser a primeira Igreja de rito anglicano genuinamente portuguesa : a Igreja lusitana.

O segundo (Moreira 1995) procurou perceber o que foram os primeiros tempos desta Igreja lusitana, as contradições oriundas das influências de um velho-catolicismo ainda presente em alguns dos seus fundadores, os esforços de organização interna e de inserção da Igreja na organização episcopal das Igrejas reformadas suas contemporâneas.

O objectivo central da terceira investigação (Oliveira 1996) foi estabelecer o percurso biográfico de uma personalidade marcante do protestantismo português do início do século XX, Alfredo Henrique da Silva, que « foi o símbolo talvez mais visível e exemplificador da primeira geração de responsáveis eclesiais protestantes genuinamente portugueses, e que não tiveram formação anterior de padres católicos »¹. O mérito desta investigação reside ainda na abordagem de um homem e da sua actividade multifacetada, no estudo da época e no papel importante da actividade missionária a que o mesmo homem esteve ligado.

Finalmente, na última dissertação (Costa 1997) se procura estudar, de forma sistemática e durante um século, os registos de baptismos e casamentos realizados na Igreja metodista do Mirante no Porto, com vista à elaboração de uma memória dos homens e mulheres de uma Igreja minoritária arrostando com os preconceitos religiosos no seio de uma população citadina maioritariamente católica. A obra contém um valioso espólio documental de grande utilidade para futuras investigações.

Os quatro exemplos apontados, os dois primeiros respeitantes à Igreja lusitana e os dois últimos à Igreja metodista, constituem um valioso espólio de investigação que urge desenvolver e continuar. Desde as fontes compulsadas, muitas delas até então inéditas, às cronologias e bibliografias referidas, estes estudos mereciam bem uma maior atenção no sentido da sua divulgação. São, apesar de tudo, obras pioneiras num país que tão pouco se tem interessado pelo estudo das minorias e só o laxismo de uma quase

1. François Guichard, na altura da defesa da tese.

inexistente política cultural pode explicar que trabalhos como estes estejam « armazenados » na biblioteca de uma faculdade, de acesso restrito e de conhecimento mais que limitado. Provavelmente seriam as próprias Igrejas as mais interessadas na sua divulgação, mas todos sabemos das dificuldades financeiras que invariavelmente caracterizam as comunidades religiosas minoritárias.

Pena é, também, que uma experiência tão relevante como a que foi encetada na faculdade de letras do Porto, com o seminário de minorias religiosas, e que possibilitou esta « fornada » de estudos, não tenha sido prolongada. Tanto quanto sabemos, apenas uma aluna de mestrado desenvolve, neste momento, um estudo sobre a extensa bibliografia de Eduardo Moreira e nada se mostra no horizonte que permita vislumbrar, com optimismo, o prosseguimento deste tipo de investigações no Porto, pese embora, como o demonstraremos adiante, o manancial enorme de campos de pesquisa que se oferecem ainda aos investigadores.

Felizmente o mesmo já não se pode dizer no caso de Lisboa, onde foi possível publicar um trabalho contemporâneo de mesma natureza, incidindo ele também sobre os primórdios da Igreja lusitana (L.A. Santos 1996-97): o que bem testemunha até que ponto seria agora necessário articular minimamente esforços tão valiosos quanto paralelos e dispersos.

Aguarda-se entretanto, com expectativa, o estudo actualmente em curso de Helena Vilaça, da mesma faculdade, sobre *Pluralismo religioso e ético: contornos e mudanças em curso*, cujos objectivos anunciados são :

« - montar no país um observatório de análise inserido numa rede de investigação internacional com vista a produzir elementos de comparabilidade, em matéria de pluralismo, com outros países da União europeia ;
- proceder ao estudo de realidades particularizadas, caso das minorias religiosas ».

O desenvolvimento desta investigação, de cariz eminentemente socio-lógico, poderá conduzir-nos à identificação e compreensão da diversidade de confissões demonstrativas da existência de um real pluralismo na sociedade coetânea, com especial incidência na área metropolitana do Porto.

É ainda de realçar uma outra obra, de um pastor baptista (Felizardo 1995), que constitui o culminar de várias tentativas anteriores de estabelecer a história dos baptistas no nosso país. A sua importância reside não só neste esforço como na valiosa cronologia e bibliografia que a integram e que possibilitam, aos interessados, a necessária ferramenta para a prossecução de estudos.

Um contributo importante tem sido dado, entretanto, por dois investigadores de Vila Nova de Gaia, Silvestre Lacerda e José António Afonso, que vêm estudando as escolas do Torne (Igreja lusitana) e tentando compreender o papel das escolas evangélicas na dinamização do ensino local, bem como as inovações pedagógicas que por elas foram sendo desenvolvidas. Cruzando nomes de alunos e pais, procuram igualmente estabelecer relações entre as profissões dos ascendentes para perceber qual a composição social dos crentes da Igreja, dado que eram estes quem enviavam os filhos para as escolas. Este trabalho conjunto, de verdadeiro voluntariado e sem quaisquer apoios oficiais, conta já com algumas conclusões, espalhadas por publicações avulsas (Afonso & Lacerda 1996 ; Silva 1995b). No entanto, pensamos que outras escolas poderiam e deveriam ser

também estudadas, uma vez que elas constituíam um importante sector de evangelização e atingiam um elevado número de crianças.

Das várias Igrejas cristãs vinculadas ao protestantismo português, apenas duas foram estudadas com mais pormenor no âmbito universitário: a lusitana e a metodista, ficando ainda de fora Igrejas e movimentos de inegável interesse para um melhor conhecimento dos fenómenos religiosos do país, como a baptista, a presbiteriana, a dos Irmãos, as pentecostais, para citar apenas algumas das mais antigas.

O que se procura, hoje, é tentar coordenar esforços e constituir equipas, dentro do possível interdisciplinares, para darem uma maior consistência e amplitude a estes estudos. É ainda cedo, talvez, para meter ombros à utopia da elaboração de uma História das minorias protestantes em Portugal, acima de tudo porque tal realização careceria de um projecto criteriosamente elaborado, sediado num centro de investigação e financeiramente apoiado por entidades ou instituições mecenáticas susceptíveis de conferirem uma estabilidade e uma continuidade de investigação que não se compadece com o regime de voluntariado e de abnegação científica que tem caracterizado os actuais investigadores.

O que valeria a pena procurar

Os caminhos para a investigação actual deverão, quanto a nós, tentar conhecer mais profundamente realidades religiosas que histórica, cultural e sociologicamente explicam a mutação das mentalidades e, no caso de Portugal, permitam compreender os mecanismos que levaram à penetração de minorias num país que já foi dos « Reis fidelíssimos »; perceber em que medida as mutações ideológicas do poder político influenciaram – ou não? – o avanço das confissões minoritárias por oposição à forte reacção católica; compreender e interpretar o papel das minorias na criação de uma nova consciência religiosa com maior expressão urbana e litoral, por oposição a uma maior resistência no tecido social rural e interior.

Há já pistas interessantes enunciadas nos estudos que atrás referimos. Mas importa dar-lhes sequência e continuidade. O período abordado (meados do século XIX aos anos 1970 deste século) permitiu já vislumbrar alguns dos horizontes de pesquisa inadiável que urge continuar, tais como:

- um melhor conhecimento do papel e impacto dos colportores na difusão das mensagens e publicações bíblicas e no proselitismo alcançado no decurso da segunda metade do século XIX, à luz da realidade política, jurídica, cultural e sociológica coeva;

- o estudo do papel do protestantismo português nas missões em África e das figuras que aí se notabilizaram numa consciencialização dos povos africanos que ajudou ao desenvolvimento da própria guerra de libertação, bem como dos reflexos das guerras coloniais sobre o pequeno tecido protestante em Portugal mesmo;

- um conhecimento mais aprofundado do papel da diáspora evangélica dos portugueses, nomeadamente por terras americanas, bem como dos reflexos do retorno de alguns desses missionários ao território luso;

- o estudo dos factos e protagonistas que transformaram a realidade religiosa dos finais do século XIX português;

- o desenvolvimento dos estudos sobre as reacções da maioria católica face ao proselitismo evangélico ;
- o conhecimento das relações entre a cultura romântica novecentista e o velho-catolicismo, de onde saíam alguns dos pioneiros do protestantismo português ;
- as cisões na Igreja católica e o fenómeno dos padres egressos ;
- o papel da imprensa evangélica na criação de uma « nova » consciência religiosa ;
- a instauração da República, as transformações políticas e jurídicas e sua importância na revitalização do protestantismo ;
- o estudo da importância das escolas evangélicas e do impacto provocado por novas experiências pedagógicas por elas encetadas ;
- o conhecimento das virtualidades e das lutas da « resistência » protestante face às tentativas de silenciamento do conservadorismo católico do Estado Novo ;
- o estudo do impacto das minorias protestantes no processo evolutivo da consciência social e religiosa ;
- um estudo comparado dos aspectos organizativos eclesiásticos ;
- uma análise das mutações institucionais e jurídicas operadas nas relações entre as Igrejas e o Estado ;
- um estudo socio-antropológico sobre as práticas religiosas individuais e colectivas no seio das correntes protestantes portuguesas ;
- o balanço dos esforços já realizados para uma convivência ecuménica entre católicos e protestantes e as suas possibilidades evolutivas ;
- a crise do protestantismo actual, ou a « sangria » protagonizada pelas novas correntes.

Eis, pois, algumas sugestões, entre um amplo leque de possíveis e desejáveis abordagens para uma investigação capaz de proporcionar um conhecimento melhor estruturado sobre o protestantismo em Portugal.

Como vemos, não faltam caminhos de pesquisa, qualquer deles potencialmente propiciador de novas visões. E muito lucrariamos, todos nós, se estas investigações avançassem animadas de um espírito de colaboração inter e pluridisciplinar, abarcando áreas como a história, a sociologia e a antropologia.

Mas há outro aspecto ainda.

As minorias e as auto-estradas da informação

As Igrejas tradicionais encontram-se actualmente numa encruzilhada difícil entre o manterem as suas populações de fiéis mediante novas propostas de convivência e prática religiosas, sem abdicarem do essencial das suas doutrinas e práticas litúrgicas, e o espectro de uma « concorrência » aguerrida de novos grupos religiosos, que se servem dos mecanismos e meios de comunicação de massas, perfurando as barreiras da tradição e investindo no *marketing* apelativo e mediático com que « bombardeiam » os crentes angustiados e, em certa medida, desenraizados das suas próprias « Igrejas matrizes ».

Assiste-se hoje ao advento de novas realidades comunicacionais que em breve poderão aduzir elementos inteiramente novos ao vocabulário e à vivência religiosas. Há hoje quem se considere mesmo dispensado da

comunhão presencial no templo, porque assiste à missa difundida pela televisão : serão os já chamados *telepraticantes* ; outros entendem poder manter e reforçar as suas convicções religiosas bastando-lhes assistir aos programas religiosos da televisão : são os *televiés* ; um outro grupo, os cibernautas da Internet, dispensar-se-ão de sair de casa, optando por « surfar » entre páginas de teoria, discussão e informação religiosa, ou mesmo teológica : são os *cibercrentes*.

Alguns poderão dizer-nos que deste panorama, menos virtual do que possa pensar-se, talvez não resultem grandes dramas no futuro. Mas é inegável a perda gradual do contacto e da partilha que só a presença física na comunidade permite garantir. E é aqui, neste afastamento gradual da prática colectiva, nesta desmotivação para partilhar o templo como espaço convivencial e de comunhão, neste isolamento crescente a que muitos se votam já, abandonando o diálogo com o outro, o contacto com o outro, é aqui – repetimos – que as Igrejas terão de fazer um notável esforço de reflexão, buscando inverter uma prática que se vai gradualmente disseminando e que levará à cada vez mais notória indiferença pelo outro, pelo vizinho, pelo conhecido. E se com isto se dilui a consciência da pertença a uma comunidade, não é menos certo que se acentua a perda de referências, de valores, de princípios que se geram na partilha e na « respiração » do colectivo. E, concomitantemente, agravar-se-á o fosso, já hoje notável, entre o isolamento e a convivência, entre o individual e o colectivo, entre o egocentrismo e a solidariedade.

Será que a « desertificação » dos templos, de que se queixam algumas confissões religiosas, tem a ver com isto ? E por que será que já hoje, em Portugal, são imensos os que navegam nas ondas do cibernético, consultando e mesmo participando nas páginas religiosas, repletas de informação, de noticiário, de textos doutrinários ?

Ainda há poucos anos, a permuta de ideias e projectos de evangelização passava invariavelmente pela troca de correspondência ou de publicações, e de quando em quando havia mesmo a necessidade de promover viagens de pregadores, para que estes, de viva voz, levassem as suas experiências e saberes a outros países, atravessando continentes e oceanos. Aproveitava-se então as facilidades de deslocação concedidas pelo vapor e pelo avião. Mas depois chegaram o satélite e o computador. Rasgaram-se as auto-estradas da informação e basta sentarmo-nos à secretária, ligar o computador e o *modem*, para conhecermos imediatamente o que se está a pensar ou a dizer do outro lado do mundo, e se o quisermos bem podemos mesmo colocar questões e pistas de reflexão, na expectativa de uma resposta imediata.

A Igreja católica começa a preocupar-se com o atraso da maioria dos seus responsáveis no que toca ao domínio das novas técnicas de informação e ainda recentemente os bispos portugueses, presentes na Assembleia geral do episcopado, reservaram uma pausa nos seus trabalhos para se dedicarem à aprendizagem da navegação na Internet. O objectivo é o de virem a colocar cada uma das vinte dioceses com uma página na rede global. Em breve, qualquer *netcatólico* poderá, em sua própria casa, sentir a presença do seu bispo ou mesmo escutar a mensagem *urbi et orbi*. De resto, não se trata de uma novidade. O pioneiro católico desta modalidade de « navegação religiosa » foi o padre Júlio Granjeira, ao colocar na Internet a sua paróquia de Travassô, no concelho de Águeda, aproveitando o ensejo para trocar

ideias com membros de outras confissões. E, insólito mas não de todo inesperado, é o facto de ter já recebido vários pedidos de conselhos e mesmo de confissões. É óbvio que o pároco tem-se negado a administrar aquele sacramento, mas até quando será possível travar este « apetite » de leigos ansiosos ?

Em Portugal é ainda possível navegar em busca de novas « ilhas religiosas », como é o caso do site reservado pelos Jesuítas. Mas também os não-católicos fizeram já a sua aparição e são inúmeros os endereços existentes. Quem pretender conhecer um pouco melhor o que se passa pelo mundo evangélico, pode tranquilamente digitar <<http://www.sapo.pt/>>. Um mundo inacreditável abre-se diante dos nossos olhos : são páginas e páginas à escolha, do mero noticiário aos debates acalorados, das páginas de história às concepções doutrinárias das várias Igrejas, das listagens de jornais e revistas às informações sobre o trabalho de Igrejas e missões.

Nós mesmo nos confrontámos com informações sobre importantes actividades de uma Igreja evangélica, que dista da nossa residência cerca de oito quilómetros, e que desconhecíamos por completo². Aliás, parece-nos – com base apenas na consulta que efectuámos – estar o movimento protestante na vanguarda da utilização das novas tecnologias.

Serão estes os novos caminhos, ou apenas fruto temporário de modas passageiras ?

Estarão as Igrejas tradicionais preparadas para a competição com a comunicação de massas que, retendo-nos na secretária do lar, nos transporta, simultaneamente, em rápidas viagens à volta da aldeia global ?

Dezembro de 1997

Fernando PEIXOTO

Grupo de estudos das minorias religiosas, Universidade do Porto

BIBLIOGRAFIA

Publicações periódicas

Ecclesia (Lisboa), Janeiro de 1949 a Dezembro de 1955.

Egreja lusitana (Vila Nova de Gaia), de 20 de Outubro de 1892 a 1 de Novembro de 1923.

O Evangelista (Lisboa), 1892-1901.

O Evangelista (Marinha Grande), 1948-1959.

A Mensagem baptista (Pombal), 1956-1986.

Portugal evangélico (Porto), de 20 de Outubro de 1920 a Dezembro de 1950.

Portugal novo (Lisboa), [1932 ?]-[1942 ?].

A Reforma (Porto), 1877-1889.

O Semeador baptista (Porto-Leiria-Lisboa), 1926-1986.

Jornal baptista (Rio de Janeiro).

Há outras com interesse mas que estão já referidas nas obras mencionadas a seguir.

2. Trata-se da Igreja adventista do Sétimo Dia, de Canelas, Vila Nova de Gaia.

Livros e artigos

Referimos apenas os que nos serviram de referência para este trabalho, ou que trazem complementos não contemplados noutras referências bibliográficas. Aconselhamos, todavia, a consulta das bibliografias e (ou) cronologias contidas nas seguintes obras :

- AFONSO, J.A.M. & LACERDA, S.A. 1996, « Esplendor de uma escola. Subsídios para o estudo da Escola do Torne (1894-1923) », *Amigos de Gaia* (Vila Nova de Gaia), 9, Dezembro : 27-47.
- ALMEIDA, F. de 1967, *História da Igreja em Portugal*, Porto, Portucalense Ed., 4 vols (nova edição, preparada e dirigida por Damião Peres).
- ANDRÉ, J.V.R. 1981, *A obra missionária em Portugal*, Rio de Janeiro, JUERP (Junta de educação religiosa e publicações), 142 p.
- ASPEY, A. 1971, *Por este caminho. Origem e progresso do metodismo em Portugal no século XIX*, Porto, IEMP (Igreja evangélica metodista portuguesa), 495 p.
- BARRETO, J.M. 1901, *Introdução da Reforma em Portugal. Extracto da Conferência realizada na União cristã evangélica da Mocidade portuguesa em 23 de Fevereiro de 1901*, Lisboa.
- BONANÇA, J. 1870, *A religião e a política. Ao Padre Américo, vigário capitular da Sé de Lisboa e Bispo Eleito do Porto*, Lisboa.
- BRAGA, G. 1871, *Os falsos apóstolos (Heresia)*, Porto, Typ. Lusitana.
- BRUNO, S. 1907, *A questão religiosa*, Porto, Chardron.
- CABRAL, D. de Pina 1951, « The Lusitanian Church of Portugal, by Louis A. Haselmayer », *Ecclesia* (Lisboa, Igreja lusitana), 9, Janeiro : 20-24.
- CABRAL, J. S. de Pina [s.d.], *A Igreja lusitana. Reforma católica em Portugal ?*, Universidade do Porto, tese de licenciatura, mimeo.
- CALDAS, J. 1900, *Os Jesuitas e a sua influência na actual sociedade portuguesa. Modo de a conjurar*, Porto.
- CARDOSO, M.P. 1985, *História do protestantismo em Portugal*, Figueira da Foz, Cadernos CER (Centro ecuménico Reconciliação), 2, Dezembro, 59 p.
- 1989, « Protestantismo em Portugal », *Revista do ICALP* (Lisboa, Instituto de cultura e língua portuguesa), 18, Dezembro : 141-149.
- [CASSELS, D.] [1894/95], *The Story of the Lusitanian Reformed Church by a presbiter of the Church*, Dublin, Pulvertaft & C^o. [Atribuímos a autoria a Diogo Cassels baseandonos na estrutura do texto (em muitos aspectos semelhante a *A Reforma em Portugal*, publicado também anonimamente), nas referências ao autor contidas no prefácio do bispo Clogher, e ainda no próprio texto onde avultam expressões típicas de Diogo. A obra terá sido escrita nos fins de 1894 ou princípios de 1895, mas a sua publicação terá sido posterior a 1900].
- CASSELS, D. 1906, *A Reforma em Portugal*, Porto, Typ. José da Silva Mendonça, 191 p.
- COELHO, T. 1906, *Manual político do cidadão português*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira.
- CORDEIRO, L. 1872, *O casamento dos padres (a proposito da carta do Padre Jacinto Loyson)*, Lisboa.
- COSTA, Z.A.F. da 1997, *Retrato de uma minoria religiosa em Portugal. Os registos da Igreja Metodista do Mirante, Porto, 1878-1978*, Universidade do Porto, dissertação de mestrado em história, 2 vols, 416 + 240 p. mimeo.
- DIAS, G. 1877, *Sermão recitado por ocasião da inauguração da abertura da capella evangelica methodista portuense em 25 de Março de 1877*, Porto.
- DIAS, G. 1878, *Resposta que à Instrução pastoral do Ex^{cmo} Bispo do Porto, D. Americo dá o Padre Guilherme Dias*, Porto, Imprensa Civilização de Santos & Lemos.
- DIAS, G. 1883, *Sermão que na inauguração da capella evangelica lusitana, da rua Visconde de Bóveda, na cidade do Porto, recitou em 15 de Abril de 1883 o Presbitero Guilherme Dias*, Porto, Typ. Coelho Ferreira.
- DIAS, G. 1885, *Vozes da História. Continuação dos echos de Roma*, Porto, Typ. central.
- DIAS, G. 1888, *O que é a missa*, Porto, Typ. Guttenberg (a 1^a ed., de Julho, foi de 3 500 exemplares e esgotou-se em 2 meses ; a 2^a é de Setembro e foi já de 6 500).
- DIAS, G. 1889, *O que é a confissão auricular e o que são as indulgências. Conferências recitadas na capella evangelica lusitana de Villa Nova de Gaya, em Maio de 1888*, Porto, Typ. Guttenberg.
- DIAS, G. 1893, *Artigos, discursos e conferências*, Porto.

- EBEN-EZER (Padre da Ajuda) 1932, *Breves notas históricas do trabalho evangélico realizado na Travessa da Santa Catarina, 3 desde 1884, publicados agora a propósito dumas « Bodas de Prata »*, Lisboa, s.e.
- ERICSON, G.C. 1984, *Os evangélicos em Portugal*, Lisboa, Núcleo, 112 p.
- FAIRCLOTH, S. D. 1959, *Esboço da História dos baptistas*, Leiria, Vida Nova.
- FELIZARDO, H. 1995, *História dos baptistas em Portugal*, Lisboa, Centro baptista de publicações, 216 p.
- FERREIRA, G.L. Santos 1906, *A Bíblia em Portugal. Apontamentos para uma monographia 1495-1850*, Lisboa, s.e.
- FERREIRA, J.D. 1971, « Páginas da nossa história : locais de culto dos primeiros crentes baptistas », *O Semeador baptista*, 671, Junho.
- 1976, « Notas subsidiárias para a história do povo baptista em Portugal », *O Semeador baptista*, 728, Abril.
- FIGUEIREDO, J.S. 1909, *Factos notaveis da Historia da Igreja lusitana*, Vila Nova de Gaia, 52 p., Bibliotheca « Antonio Maria Candal », II (2).
- 1911a, *Cartas abertas ao clero catholico-romano*, Porto (Biblioteca « Antonio Maria Candal », III (1).
- 1911b, *Será já o fim da religião ?*, Porto (Bibliotheca « António Maria Candal », III (2).
- 1912, *A Igreja romana não pode ser a igreja nacional*, Porto (Bibliotheca « Antonio Maria Candal », III (3).
- FRANÇA, L. de 1981, *Comportamento religioso da população portuguesa*, Lisboa, Moraes - IED (Instituto de estudos para o desenvolvimento), 175 p.
- FREITAS, P^o Sena 1879, *Critica à Critica*, Porto, Livraria Portuense.
- 1917, *O protestantismo (perguntas respeitadas ao senhor ministro da Igreja protestante - Um neofito da mesma Igreja)*, Porto, s.e.
- GUICHARD, F. 1990, « Le protestantisme au Portugal », *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris, Fundação Calouste Gulbenkian) XXVIII : 455-482.
- 1993a, « Madère, pôle de diffusion du protestantisme dans le monde lusophone », in *Missionação portuguesa e encontro de culturas. Actas do Congresso internacional de história*, Braga, Universidade católica portuguesa, vol. IV : 157-171.
- 1993b, « La place de Madère dans l'histoire du protestantisme lusophone (XIX^e-XX^e siècles) », in *Actas do III Colóquio internacional de história da Madeira - Funchal 1992*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico : 585-595.
- 1995, « A formação de um protestantismo lusófono através do Atlântico : esquema de difusão », *Revista da Faculdade de Letras - História* (Porto), II (12) : 411-429.
- HARREL, N.L. 1984, *The Establishment of Baptist Work in Portugal*, estudo apresentado na aula de Missões do Southwestern Baptist Theological Seminary, Primavera.
- 1988, *Estudos sobre a história dos Baptistas em Portugal*, Lisboa, Ordem dos Pregadores Baptistas.
- KALLEY, R.R. 1875, *Exposição de factos relativos à agressão contra os protestantes na ilha da Madeira*, Lisboa, s.e.
- KINGWELL, C. 1899, *Os Crimes da Igreja (Resposta ao ultimo congresso catholico em Lisboa)*, Lisboa, s. e.
- LEITE, J.M. 1997, *A Igreja una e plural*, Lisboa, Seminário evangélico de teologia.
- MARQUES, A.H. de Oliveira 1972, *História de Portugal*, Lisboa, Palas (várias ed. posteriores).
- MARQUES, J.F., ed., 1995, « Para a história do protestantismo em Portugal », *Revista da faculdade de letras - História* (Porto), II (12) : 431-475.
- MARQUES J.F. & GUICHARD, F. 1996/97, « Programme de travail sur les minorités religieuses et de pensée au Portugal et notamment le cas du protestantisme », *Lusitânia Sacra* (Lisboa, Centro de estudos de história religiosa da Universidade católica portuguesa), II (8/9) : 599-609.
- MAURÍCIO, A. 1924, *Missão baptista portuguesa*, Porto, Missão baptista portuguesa.
- 1977, « Joseph Jones, o patriarca dos baptistas portugueses », *O Semeador baptista*, 677, Dezembro.
- MOREIRA, E. 1913, « Notas Historicas sobre a Origem das Igrejas Evangelicas em Portugal », separata da *Revista de história* (Braga), ed. do Autor.
- 1933, *The significance of Portugal (A survey of the religious situation)*, Londres, World Dominion Press, 71 p.

- 1935, *A situação religiosa em Portugal (conspecto e considerações)*, Lisboa, Portugal Novo.
- 1949, *Esboço da história da Igreja lusitana*, Ed. Igreja Lusitana.
- 1957, *Crisóstomo português. Elementos para a história do Púlpito*, Lisboa, Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 339 p.
- 1958, *Vidas convergentes, história breve dos movimentos de Reforma cristã em Portugal, a partir do século XVIII*, Lisboa, Junta presbiteriana de cooperação em Portugal, 409 p.
- MOREIRA, J.M.M. 1995, *Origens do episcopado em Portugal. O despertar da Igreja lusitana (1839-1899)*, Universidade do Porto, dissertação de mestrado em história, 2 vols., 89 + 151 p., mimeo.
- NOGUEIRA, F. 1977, *Salazar. II. Os tempos áureos (1928-1936)*, Coimbra, Atlântida.
- NOYES, H.E. 1897, *Church Reform in Spain and Portugal*, Londres, Cassels.
- OLDKNOW, J.M.A. 1855, *A Month in Portugal*, Londres.
- OLIVEIRA, J.J. de 1911, «O trabalho Baptista em Portugal», *Jornal Baptista*, 38, de 21 de Setembro.
- OLIVEIRA, M. de 1994, *História eclesiástica de Portugal*, Lisboa, Europa-América.
- OLIVEIRA, N.P.F. de 1996, *Alfredo Henrique da Silva. evangelizador de acção e cidadão do mundo*, Universidade do Porto, dissertação de mestrado em história, 280 p. mimeo.
- PEIXOTO, F. 1994, «Igrejas evangélicas no Grande Porto», *Forum sociológico* (Lisboa, Instituto de estudos e divulgação sociológica da Universidade Nova), 4, Janeiro/Junho : 147-162.
- 1995, *Diogo Cassels, uma vida em duas margens*, Universidade do Porto, dissertação de mestrado em história, 2 vols., 230 + 296 p. mimeo.
- 1996, *A objectividade e a subjectividade na história biográfica e religiosa*, comunicação à mesa-redonda «Objectividade e história : o caso do estudo das minorias religiosas», CENPA, Universidade do Porto, 22 de Fev. de 1996.
- PULVERTAFT, Rev. T. J. 1897, *Report of Visitation Tour*, s.l., s.e. (impresso em Dublin, por Charles W. Gibbs).
- RIBEIRO, J.M. 1990, *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811)*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 254 p.
- RODRIGUES, D., SANTOS, A.P. & GOMES, S. 1996, «Ser cigano evangélico : a religiosidade e o novo compromisso cultural numa comunidade cigana de Caria», *Anais universitários, Série de Ciências sociais e humanas* (Covilhã, Universidade da Beira Interior), 7 : 299-311.
- SANTOS, L.A. 1996-97, «A primeira geração da Igreja lusitana católica apostólica evangélica (1876-1902)», *Lusitania sacra*, II (8/9) : 299-360.
- SILVA, A.M. 1989a, «A Igreja lusitana e a instauração da República», *O Novo Despertar* (Vila Nova de Gaia, Igreja lusitana), 56, Outubro : 6-7.
- 1989b, *Heterodoxia religiosa e agitação ideológica no Porto no último quartel do século XIX*, comunicação ao congresso «O Porto na época contemporânea», Ateneu comercial do Porto, Outubro.
- 1991, *Protestantismo e reforma católica no Porto nos finais do século XIX*, comunicação ao congresso «O Porto de fim do século (1880-1910)», Porto, Jan./Fev. de 1991.
- 1995a, «A Igreja lusitana e o republicanismo (1880-1910). Convergências e Expectativas do Discurso Ideológico», in *A vida da República portuguesa. 1890-1990*, II, Lisboa, Cooperativa de estudos e documentação : 739-756.
- SILVA, A.M., ed., 1995b, *Gaia de há 100 anos. Colóquio comemorativo do centenário da igreja do Torne*, Vila Nova de Gaia, Junta paroquial de S. João Evangelista, 325 p. (inclui 16 comunicações de vários autores).
- TAYLOR, Z. C. 1909, «O estado religioso de Portugal», *Jornal baptista*, 11 de Março.
- TELES, B. 1913, *A Questão religiosa*, Porto, Moreira.
- TESTA, M. P. 1963, *O Apóstolo da Madeira*, Lisboa, IEPP (Igreja evangélica presbiteriana de Portugal), 154 p.
- 1977, *Injuriados e perseguidos. Panorâmica histórica da fé reformada em Portugal*, Lisboa, IEPP, 31 p.
- VALLET, O. 1996, *As religiões no mundo*, Lisboa, Piaget.